

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Área Temática 6) Gênero, Corpos, Sexualidades

**BINARIEDADE DE GÊNERO: PERCEPÇÕES SOBRE
CORPOREIDADES ENTRE UM GRUPO DE JOVENS EM
BELÉM, PARÁ.**

Vic Argôlo Da Silva (UEPA)
Lucivaldo A. Alves (UEPA)
Ana Lídia N. Pantoja (UEPA)

BINARIEDADE DE GÊNERO: PERCEPÇÕES SOBRE CORPOREIDADES ENTRE UM GRUPO DE JOVENS EM BELÉM, PARÁ.

Resumo: Neste texto realizamos reflexões em cima dos recorrentes debates que ocorrem dentro do grupo de estudos e pesquisa, com as temáticas de gêneros e sexualidades, no qual também fazemos parte na Universidade do Estado do Pará. Nosso objetivo é discutir os aspectos da binariedade de gênero como marcadores das corporeidades dos jovens. Com o uso de uma pesquisa exploratória, foram empregadas técnicas de análise dos relatos de experiência presentes nos discursos feitos por um grupo de estudantes da graduação, atentando à dicotomia feminilidade/masculinidade. Devemos ressaltar que as questões discutidas estão sendo debatidas à luz da interseccionalidade, pois dentro do grupo referimos, com frequência, a construção de argumentos e ponderações sob os temas a partir do nosso próprio local de fala. Observamos que a abordagem realizada configura-se como uma discussão dos impactos binários de gênero em subjetividades e corporeidades de indivíduos na sociedade, e compreendemos o quanto precisamos fomentar cada vez mais esta discussão.

Palavras-chave: Binariedade. Corporeidade. Feminilidade. Masculinidade. Subjetividade.

GENDER BINARITY: PERCEPTIONS ABOUT CORPOREITIES AMONG A YOUNG GROUP IN BELÉM, PARÁ.

Abstract: In this text we perform reflections on top of the recurrent debates that take place within the study and research group, with the themes of genders and sexualities, which are also part of the University of the State of Pará. Our goal is to discuss the aspects of gender binariety as markers of the corporeities of young people. With the use of an exploratory research, techniques were used to analyze the reports of experience present in the discourses made by a group of undergraduate students, paying attention to the femininity/masculinity dichotomy. We should emphasize that the issues discussed are being discussed in the light of intersectionality, because within the group we often mention the construction of arguments and weightings under the themes from our own place of speech. We observed that the approach performed is a discussion of binary gender impacts on subjectivities and corporeities of individuals in society, and understand how much we need to foster this discussion more and more.

Keywords: Binariedade. Corporeity. Femininity. Manhood. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

Este texto discute os impactos binários do gênero em subjetividades e corporeidades dos indivíduos na sociedade. Tal composição de análise surge dos momentos acadêmicos em que a temática de gênero foi discutida no grupo de estudos que fazemos parte e, chegamos em uma compreensão de análise que pare da imposição binária de gênero na vida das pessoas.

O debate que aqui será realizado acaba sendo uma possível discussão que fez com que a autoria se aproximasse no contexto de questões que atingem em comum e que dê para se repensar, adotando a questão dos aspectos binários do gênero, por identificarmos como uma composição que possui influência nos demais indivíduos que estejam vivendo em sociedades vinculadas a uma composição que trata como linearidade as questões de uma dualidade exclusiva de um feminino e de um masculino .

As reflexões que serão tratadas só foram possíveis após os encontros do grupo de estudos que fez com que chegássemos a essa observação. Tal grupo é composto por jovens universitários da Universidade do Estado do Pará que estudam e pesquisam sobre gênero, em diversas áreas acadêmicas e que através das discussões de textos e produções audiovisuais conseguimos discorrer um ponto em comum na análise de discurso.

Como este material acaba sendo resultado de uma pesquisa exploratória do próprio grupo de estudos que estamos inseridos, foram empregadas técnicas de análise dos relatos de experiência que foram expostos entre o grupo de estudantes da graduação, além de sempre nos atentarmos à dicotomia feminilidade/masculinidade.

As questões trabalhadas ao longo dos debates e do texto são sempre abordadas por uma perspectiva interseccional, devido compreendermos como é importante que as pessoas consigam discorrer sobre suas próprias vivências e apontar quais composições da sociedade influenciam em suas vidas, fazendo com que tenhamos um retorno, também, a noção do local de fala, sendo este um grande conceito para realizar a elaboração de textos acadêmicos.

O texto está dividido em 2 partes principais. Na primeira parte trazemos algumas colocações sobre a binariedade de gênero, através de uma análise da dicotomia feminino/masculino e de como os papéis de gênero são pensados a partir dessa lógica que condiciona as pessoas a seguirem uma normatividade binária de vivência.

Já na segunda parte dialogamos a discussão de corporeidades sociais demarcadas através da relação entre as subjetividades dos indivíduos do grupo de jovens com a perspectiva de que tais demarcações são inferidas por uma composição binária do gênero.

A BINARIEDADE DE GÊNERO EM EVIDÊNCIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE PAPÉIS DE GÊNERO EM UMA PERSPECTIVA BINÁRIA

Em grande parte do mundo Ocidente, isso de forma bem generalizada, todos os indivíduos possuem papéis e manifestações sociais, nas quais seguem muitas das vezes o sistema binário de gênero, homem e mulher, que consiste em delimitar as funções, os gostos e o pertencimento das pessoas.

Trata-se de um processo de generização que envolve tempos, espaços, corpos e comportamentos, diferenciando-os ao lhes conferir a significação de masculinos ou femininos. Sexualizando-os. Assim, as prescrições/regras quanto à maneira civilizada de vestir-se, relacionar-se com a família, portar-se à mesa, proceder em visitas, bailes, conversações e passeios, circular pela rua e espaços públicos, são definidas obedecendo a essa binariedade. (MUNIZ, 2002, p. 8)

Quando pensamos em corpos sendo construídos e manifestados, inicialmente, as pessoas logo irão se deparar com uma carga imensa de padrões sociais. Isto ocorre, por conta de um indivíduo que ao nascer é lido como um menino, e a partir de tal leitura existe um determinismo social de que anos depois tal menino se tornaria um homem e teria que realizar as funções de homem dentro da nossa sociedade. Esse exemplo nos faz pensar bastante em como se formam caixinhas sociais para os indivíduos, no caso da masculinidade

Na visão tradicional da masculinidade, espera-se que o homem providencie o sustento da família. Essa condição dá ao homem o controle sobre a sexualidade feminina, ao mesmo tempo em que exige constante disposição para realizar o ato sexual. No entanto, o ato sexual não expressa uma relação afetiva, mas uma relação de poder, uma relação de dominação. Por isso, há a expectativa que o homem seja sexualmente ativo. Tal exigência decorre da necessidade de reafirmação da identidade masculina, diante do medo do feminino e da homossexualidade. Não poder ter filhos coloca em xeque a virilidade de um homem. “Pelo fato de comumente a esterilidade masculina estar associada à impotência, não conseguir ter filhos relaciona-se, para os homens, à sexualidade e ameaça sua virilidade”. Não ter um filho acarreta uma diminuição do capital de masculinidade porque possibilita o questionamento da virilidade. Além disso, possuir um filho constitui, nesta perspectiva, uma prova incontestável de sua heterossexualidade. (SOUZA, 2012, 1446-1447).

A partir disso podemos pensar inclusive os próprios aspectos que estão veiculados a idealização de uma feminilidade, nos remetendo em como as mulheres estão condicionadas a papéis de subserviência, de desigualdade, dentre outros contextos que as tornam em pessoas que vivem sendo cobradas a se enquadrar nos próprios segmentos dos papéis impostos, como Santos (2016) destaca que

Diversas pesquisas indicam que a mulher, comparativamente com o homem, apresenta maiores preocupações e é mais exigente e ansiosa com o seu aspecto físico, monitorizando, de forma mais vincada, o seu visual; que tende a ser mais insatisfeita com a sua imagem corporal e revela uma maior propensão para práticas que lhe permite melhorar a sua aparência [...] como praticar exercício físico, iniciar uma dieta restritiva, usar cosméticos, depilar-se, usar roupas justas, esticar ou encaracolar o cabelo, fazer cirurgia estética

ou lipoaspiração. Este conjunto de práticas corresponde a uma 'disciplina feminina do corpo', que têm como principal objetivo a modelação ou transformação do espaço corporal feminino no sentido de se aproximarem de um modelo estandardizado de feminilidade (SANTOS, 2016, p. 226-227).

Devemos destacar que todas as pessoas que são expostas a sociedade fundada em composições binárias acaba trazendo consigo uma bagagem de construções sociais. Afinal todos somos criados para seguir uma linha convergente de pensamentos, por isso, quando o indivíduo passa a demonstrar interesse por algo que foge a narrativa desse padrão social de masculinidade e de feminilidade, e ainda vai mais além, que é o caso de tornar-se externo ou abjeto a essa manifestação, muitos padrões passam a ser quebrados. E assim como Abreu (2013), ao tratar de performatividade de gênero em redes sociais, compreendemos que esse rompimento traz outras possibilidades de corpos, principalmente com a categoria LGBTQIA+, pois

Muitos e muitas da multitude LGBTQQI, conscientes destas possibilidades, produzem corpos de natureza ambígua, corpos que propõem outras estratégias de performance, fazendo surgir novas formas de expressão que borram as fronteiras fixas dos gêneros binários. O resultado deste processo são corpos fluidos, desfocados, em movimento, entrecortados pelos muitos fragmentos da identidade, que rejeitam o convencional e praticam a ironia e a contestação para descontextualizar o programado (ABREU, 2013, p. 488).

A binariedade do gênero acaba sendo uma configuração imediata quando se pensa quase toda a composição existente do gênero na sociedade. Quando pensamos em como a sociedade segue, de forma inevitável, tal noção acaba sendo desenvolvida por conta dos moldes pertencentes às hierarquias sociais, como Conceição (2013) discute que

Na sociedade ocidental as inúmeras práticas de entendimento acerca do termo "gênero" são confluentes em um só destino, apesar das diferentes formas de se chegar à sua conceituação: o binarismo. Este termo tem a competência de designar à sociedade a presença de somente duas categorias de gênero, ou seja, fecha os princípios sociais à duas formas de vida, a de "ser homem" e de "ser mulher", excluindo outras formas de viver e inserindo-as nas anomalias da sociedade, como discursa a psicanálise, além de ter a capacidade de hierarquizá-las, resultando em uma sociedade heteronormativa patriarcal. (CONCEIÇÃO, 2019, p. 13)

As demarcações de feminilidades e de masculinidades, são segmentos de cunho questionáveis, em que os corpos seguem, necessariamente, uma linha do que é esse ser feminino ou ser masculino em sociedade, pois as condições de expressão, de gênero, de identidades vai muito além daquilo que pessoa está utilizando cotidiana. É interessante retornar com a questão de como as demarcações binárias do gênero são construções sociais, e que essas questões de gênero é bem mais plural e diversificada do que compreender o que uma pessoa está vestindo.

O debate da desconstrução do binarismo de gênero acaba sendo uma configuração atual e sem previsão de término, por conta da grande importância que acarreta os

rompimentos com algumas noções de como se dá o impacto binário de gênero na vida das pessoas. Podemos pensar em como os campos das identidades sofrem constantes questionamentos sobre as suas reivindicações, pois existe uma influência dicotômica de como o gênero funciona que tende a desvalidar toda e qualquer manifestação que fuja com a normatização feminina/masculina.

Devemos discutir que os papéis de gênero irão seguir uma relação conjunta com as representações sociais vinculadas a um contexto de binarismo de gênero, assim como aponta Sayão (2006) trabalha ao dizer, em relação aos papéis de gênero, que

Esses variam de uma cultura para outra e dentro de uma mesma cultura. No Brasil, encontramos uma rica diversidade cultural, e os papéis de homens e mulheres evidenciam isso, ou seja, há diferentes formas de ser mulher e ser homem em nossa sociedade, que se expressam, por exemplo, na dança, na música, no trabalho doméstico e extradoméstico, nos gestos, no meio rural ou no meio urbano, e, no caso das crianças, nas brincadeiras. (SAYÃO, 2006, p. 6)

Devemos discutir que a partir desses aspectos culturais dos papéis sociais de gênero seguem um impacto nos demais espaços e relações pertencentes a vida dos indivíduos, de modo que podemos elucidar inicialmente a questão do contexto familiar, tal qual Botton et al. (2015), debatem sobre as relações de gênero com os papéis parentais da família.

De fato, na vida familiar a divisão entre o que compete ao homem e o que seria próprio da mulher ainda é transmitido e reforçado como um valor culturalmente determinado. Considerando esta afirmação, problematizamos o quanto estes modelos de paternidade e de maternidade – sustentados por um modelo hegemônico de masculinidade e de feminilidade - aprisionam homens e mulheres em amarras sociais que impedem que exerçam a parentalidade de forma diferente dos modelos rígidos e estereotipados de pai, como provedor, e mãe, como principal cuidadora. Entendemos que a perpetuação destes modelos tem impacto não só no modo com que as gerações atuais entendem e significam a parentalidade, mas também na forma com que os filhos reproduzirão e exercerão a maternidade e a paternidade nas gerações futuras (BOTTON et al., 2016, p. 49)

A partir destas colocações referentes aos contextos binários de gênero e como os moldes da relação social e dos papéis de gênero funcionam, iremos tratar a seguir a discussão de qual a relação que existe entre as corporeidades e a binariedade do gênero, através de perspectivas inferidas a subjetividades de um grupo de jovens universitários em Belém do Pará.

CORPOREIDADES DEMARCADAS: SUBJETIVIDADES IMPOSTAS À UM PADRÃO BINÁRIO DE GÊNERO

A partir da discussão que fazemos em cima do sistema binarista de gênero compreendemos como os moldes da sociedade são construídos e de que forma disso pode

atingir a vida das pessoas. Com as discussões de um grupo de jovens universitários em Belém do Pará percebemos como isso funciona na prática.

Durante vários debates realizados no grupo, as mulheres destacavam como as expectativas que caem sobre elas por conta de toda uma idealização imposta desde a infância conseguem ser desgastantes e inalcançáveis quando se trata em realizar de fato as atividades que são esperadas socialmente, por exemplo, algumas delas destacam em como a estadia delas na Universidade as faz lembrar de toda essa composição de gênero, pois sentem que aquele ambiente não foi pensado para o bem estar delas, em vista de que o seu lugar teria que ser dentro de casa, como a provedora do lar.

Neste sentido, devemos pensar em como os ambientes em que estamos inseridos vai reforçar e contribuir para que algumas noções de gênero sejam de fato acatadas como verdades absolutas na vida das pessoas, sem ter a ingenuidade de que aquilo veio por acaso, conforme Cruz (2013) destaca

Essas construções não surgem do nada. Elas são legitimadas pelo grupo e repassadas de geração em geração. Evidentemente cada novo profissional que chega à escola tem a possibilidade real de provocar as mudanças de que ela necessita, até porque ele a percebe com maior facilidade pelo fato de ainda não ter sido moldado pelo olhar do grupo. (CRUZ, 2013, p. 111)

Já para o que muitos dos homens que fazem parte do grupo de estudantes discutem, eles repensam bastante a própria questão da masculinidade, e de como a cobrança constante de seguir o papel social do homem pode ser desgastante e cruel, pois assim como as mulheres, chega ser impossível alcançar de fato o modelo ideal do que é ser um homem. Vale ressaltar que mesmo com as ponderações sobre a questão da masculinidade, o grupo de jovens não deixa de reconhecer o quanto são favorecidos estruturalmente, ou seja, não deixam de pontuar como funcionam os seus próprios privilégios, mas ao lado do reconhecimento se enquadram as questões de questionar essa própria normatização.

Está questão se torna interessante de pensarmos, pois não devemos seguir uma linha maniqueísta e linear das coisas, pois quando nos atendemos a questão da corporeidade e a relação de gênero, precisamos entender que é equivalente a diversos tipos de corporeidades, como proposto na análise de Pereira (2015), a qual nos diz que

Na medida em que se afirma que gênero e sexo decorrem de construções culturais, colocam-se em xeque “verdades” fortemente enraizadas na lógica e na existência de todos. A heteronormatividade, lógica que embasa as normas de gênero e sexualidade, é exercida de modo silencioso, invisível, disseminado, como se fosse um comportamento espontâneo. (PEREIRA, 2015, p. 16).

Outro ponto que é apontado no grupo de jovens é a perspectiva trans e como essas condicionantes padronizações de gênero em uma perspectiva binária funciona em tal

realidade. As colocações discutidas neste sentido de vivência é de como um sistema que delimita os indivíduos a seguirem uma lógica binária acaba sendo violenta com corpos que transcendem, rompem com esta relação, pois para as pessoas trans existe a questão de as pessoas quererem uma normatividade, de que as pessoas trans precisam se enquadrar a um outro paradigma de corporeidade, sendo que não é assim que funciona.

As pessoas trans neste caso se encaixam como sujeitos plurais que rompem com a composição binária do gênero, mas que são constantemente pressionadas a se enquadrar neste mesmo quadro binário, é como a análise do armário que Sedgwick (2003) realiza ao dizer que quando se sai de um armário a sociedade tem que colocar em outro para que a lógica normativa não seja atingida.

Ao pensarmos esse quadro podemos entender que a cobrança é de que sempre exista uma retomada a ordem binária que existe dentro da sociedade, ou seja, que mesmo ao seguir além da normatividade o corpo precisa reproduzir os mesmos aspectos que foi inserido mesmo fugindo, como Damásio (2011) analisa

Assim o corpo será pensado como lugar de inscrição simbólica que refletirá posições sociais na estrutura de 'todas as' relações de poder (seja de classe, gênero e raça, etc.), sendo um campo profícuo para a leitura do mundo social, na medida em que operaria a partir de uma lógica também dual, em que é fincado no processo de interiorização das disposições vigentes no social, e enquanto tal apreende essas disposições e reproduz a ordem do mundo, sendo um legitimador da ordem binária existente. (DAMÁSIO, 2011, p. 215).

Essas configurações que o grupo aponta em suas subjetividades nos faz perceber o quanto as suas próprias corporeidades são marcadas por aspectos binários de gênero que são externos a cada um. Em como o seu cotidiano são entrelaçados por relações de gênero, de classe, de raça, dentre outros aspectos socioculturais e históricos, fazem com que esses indivíduos repensem as suas próprias vivências quanto pessoas.

Dentre essas noções conseguimos perceber como a análise feita pelos sujeitos sabe ao ambiente da realidade em que estão inseridos, e que as suas discussões seguem uma linha se estão de acordo ou não com tudo aquilo que lhe fora exposto, seguindo um tipo de posição, tal como Goularth (2015) fala ao tentar (re)conceituar gênero e sexo, nos dizendo que

A identidade do sujeito vai se produzindo ao longo da vida, num processo de reprodução de outras já estabelecidas, ou de repulsão. O indivíduo se apropria dos comportamentos de sexo e gênero a ele estabelecidos e os ressignifica interiormente, aceitando ou rejeitando-os. Esse processo de aceitação/rejeição vai manter antigos significados, ou mesmo produzir novos. Assim, ler as próprias peças anatômicas, ou sexo, é uma das etapas da construção individual, que vai ser regrada pela matriz de gênero da cultura de referência. (GOULARTH, 2015, p. 23).

Essas observações acabam servindo para que possamos de fato realizar nossas percepções sobre as corporeidades dos indivíduos mencionados adotando a noção de que esses corpos são realmente demarcados por aspectos de um binarismo de gênero, no qual as pessoas passam a refletir e se manifestar relação ao quadro somente no momento em que se achar necessário, nos levando a considerar que algumas pessoas podem nem se importar em como se dão essas relações por este ponto de vista.

É nesta questão que queríamos chegar, pois, mesmo com a nossa constante identificação de que exista uma projeção da binariedade impactando na vida das pessoas, devemos evidenciar que não é uma postura ou visão adotada por todos os indivíduos. Neste ponto, ao compreendermos que as ideias desenvolvidas ao longo do texto construídas ao estudar e discutir as relações de gênero, entendemos, também, que para o todo da sociedade, são questões que nem sempre são olhadas com uma única perspectiva. Ao contrário, entendemos que com graças ao conceito da interseccionalidade, conforme Akotirene (2018), os recortes que fazem os indivíduos repensarem as suas vivências seguem muito além de dicotomias universais.

Essa parte de interpretarmos as pontuações debatidas dentre um grupo de jovens que estudam a temática do gênero, é bem interessante para compreendermos o quão estrutural são as coisas que influenciam, e condicionam as nossas relações, além de nós fazer lembrar do quanto que existe uma dificuldade enorme em aceitar aquilo que foge dos padrões já impostos para os indivíduos.

Ao notarmos que existem diversas formas de expressão defendemos a tese de que para muitas pessoas as reflexões em relação ao gênero e suas manifestações só serão possíveis após um choque de realidade, ou seja, através do espanto com algo novo e diferente que podemos identificar uma desconstrução das pessoas. Tal noção se dá porque para uma sociedade moldada em uma perspectiva binária de gênero, ao se vê uma pessoa montada de outra forma acaba sendo algo que dificilmente será ignorado ao passar pelo campo de visão das pessoas.

Com isto entendemos a nossa análise como algo necessário para a discussão do debate de gênero dentro dos ambientes acadêmicos ou não, isto ocorre porque vai além de localidade, afinal os segmentos de relações sociais estão presentes nos demais ambientes de uma sociedade.

Deste modo, precisamos criar espaços que estejam de acordo em discutir algumas temáticas para que de alguma forma possamos contribuir com reflexões a cerca de temas que são pertinentes para a nossa sociedade. Logo, esse debate sobre o impacto da binariedade de gênero na subjetividade dos indivíduos, que entrelaçam corporeidades e papéis sociais são de grande validade para que possamos romper com paradigmas que tentam moldar os

indivíduos em caixinhas controláveis fazendo os alternar conforme o interesse da normatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise construída em cima de binariedade de gênero acreditamos que é um tema que atinge todos os grupos sociais de uma sociedade e que precisamos refletir sobre isso para podermos adotar as posturas que acharmos coerente. Ou seja, após entender como o sistema binário funciona, fica a critério individual a projeção social que será tomada.

Defendemos que é preciso romper algumas ideias sobre como a sociedade precisa ser estigmatizada por um modelo dicotômico de feminilidade/masculinidade, pois precisamos pensar a realidade social e de gênero por uma perspectiva plural de identidades, onde um condicionador de dualidade é um grande problema para qualquer ser que rompa com esse contexto.

Ao tratarmos a subjetividades dos jovens estudantes que debatem o gênero, conseguimos pontuar algumas questões que achávamos pertinentes para compreender tanto como se realizam essas imposições quanto o que podemos delimitar como problemas que devem ser repensados dentro da sociedade.

Ao discutirmos os impactos binários de gênero na subjetividade dos indivíduos nós compreendemos o quanto é preciso continuarmos com o debate do binarismo de gênero nas relações sociais. Tal discussão, conforme adotamos ao longo do texto, entendemos que o binarismo de gênero afeta toda relação social. Sendo assim, é algo que deve ser constantemente pautado na sociedade, justamente por ser algo que causa inúmeras problemáticas na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carla de. Performatividade e Corporeidade nas Redes Sociais: Escrevendo gêneros e sexualidades não-hegemônicas nas redes sociais. In: **Anais** do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia (GO): UFG, FAV, 2013.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo (SP): Pólen Livros, 2018.

BOTTON, Andressa et al. Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero. Porto Alegre (RS): **Pensando Famílias**. vol.19,n. 2, dezembro, 2015, p. 43-56.

CONCEIÇÃO, Gabriel Pauletto Da. **Desconstruindo o binarismo de gênero: estudos de casos de marcas de moda nos discursos contemporâneos**. São Paulo (SP): USP, 2019.

CRUZ, Maria Aparecida Barros de Oliveira. CORPOREIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: por uma teoria corporal da ação social e individual. **Revista Equador**, vol. 2, n. 2, julho/dezembro, 2013, p. 100-115.

DAMÁSIO, Anne Christine. Botando corpo e (re)fazendo gêneros. **Revista Bagoas**, n. 06, 2011, p. 211-241.

GOULARTH, Neilton dos Reis. **DIVERSIDADE DE GÊNEROS E ENSINO DE BIOLOGIA: CASOS DE PRAZERES E CORPOREIDADE NÃO-BINÁRIOS**. Seropédica (RJ): UFRRJ, 2015.

MUNIZ, D. C. G. . Gênero e Educação: Corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generizadas.. In: **Anais**, II Congresso Brasileiro de História da Educação. História e Memória da Educação Brasileira. Natal (RN): 2002.

PEREIRA, Renata Marques. **CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: NUANCES DA POLÍTICA SEXUAL CONTEMPORÂNEA**. Cachoeira do Sul (RS): UFSM, 2015

SANTOS, Cristina. A corporeidade feminina na publicidade: algumas reflexões sobre representações normativas. **Estudos em Comunicação**, n. 23, 2016, p. 223-250.

SAYÃO, Deborah Thomé. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA: ARTICULANDO TEMAS PARA PENSAR O TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL. **Pensar a Prática**, n. 5, 2006, p. 1-14.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do Armário**. Trad.: Ana R. Luis e Fernando Matos Oliveira. Coimbra (PT): Angelus Novus, 2003.

SOUZA, Ezequiel de. Masculinidades, Corporeidade e Desejo desde uma Perspectiva Teológica. In: **Anais**, I Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo (RS): EST, 2012.